



Trabalhos Científicos

Título: Asfixia Ao Nascer E Mortalidade Neonatal Precoce No Brasil: Série Temporal 2005-2010

Autores: MARIA FERNADA B. DE ALMEIDA (PRN-SBP); RUTH GUINSBURG (PRN-SBP); LÍCIA M.O. MOREIRA (PRN-SBP); ROSA M.V. DOS SANTOS (PRN-SBP); MANDIRA DARIPA (PRN-SBP); COORDENADORES ESTADUAIS PRN-SBP (PRN-SBP)

Resumo: Introdução: A mortalidade neonatal precoce associada à asfixia perinatal indica a qualidade da assistência materno-infantil no período periparto. Objetivo: Avaliar a evolução dos óbitos neonatais precoces associados à asfixia ao nascer no Brasil ao longo de seis anos. Método: Estudo populacional dos nascidos vivos (NV) que morreram até 6 dias no Brasil de 2005 a 2010 com asfixia perinatal, considerada se, em qualquer linha da declaração de óbito (DO), estavam anotados hipóxia intrauterina, asfixia ao nascer ou síndrome de aspiração meconial (OMS - CID 10.0). Realizou-se busca ativa dos óbitos nas 27 UF. Dados das DO foram duplamente digitados e analisados conforme ano de ocorrência e região. Compararam-se os dados obtidos com as informações oficiais do DATASUS referentes ao número de NV e óbitos neonatais precoces. Resultados: No período, ocorreram 24.210 óbitos associados à asfixia em NV sem malformações congênitas, excluindo-se aqueles com peso ao nascer <400g ou idade gestacional <22 semanas: 4.758 em 2005, 4.328 em 2006, 4.004 em 2007, 3.928 em 2008, 3.722 em 2009 e 3.470 em 2010. A taxa de óbitos neonatais precoces associados à asfixia por mil NV decresceu no Brasil de 1,61 em 2005 para 1,35 em 2010, observando-se tal redução em todas as regiões (Norte: 1,80 para 1,63; NE: 2,21 para 1,78; SE: 1,33 para 1,13; Sul: 1,14 para 0,91; CO: 1,13 para 1,09). A asfixia perinatal contribuiu com 21,5% das mortes precoces em 2005, diminuindo para 20,3% em 2010. Conclusões: Embora esta série temporal mostre decréscimo em 16% da taxa de óbitos precoces associados à asfixia ao nascer por mil NV, a asfixia continua contribuindo em todas as regiões do Brasil com 20% dos óbitos na primeira semana de vida. Há necessidade de investimentos na regionalização da assistência perinatal e capacitação dos profissionais que atendem mãe e recém-nascido para modificar esse panorama.